



SABERES LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS COM SURDOS NO ENSINO MÉDIO

Lívia Letícia Belmiro Buscácio¹

Este trabalho² se propõe a apresentar caminhos e ações de ensino da disciplina literatura no ensino médio com surdos no Colégio de Aplicação do INES, em uma sala de aula na qual circulam a ditas Libras, a Língua portuguesa e linguagens outras, ou melhor, materialidades significantes diversas em um espaço entre-línguas, na tensão linguística (Celada, 2007, 2008; Celada, Payer, 2016; Coracini, 2007, 2010, Mariani, 2021). Tais ações desenvolvidas do lugar de docente na educação básica são alicerçadas pelo campo da História das Ideias Linguísticas (Auroux, Orlandi) alinhavada à Análise de Discurso materialista (Pêcheux, Orlandi), bem como dos estudos literários e artísticos afins, como a questão do direito à literatura e do olhar para o histórico e o ideológico na formação do literário e do artístico, conforme Candido (2000), bem como o papel da experiência leitora Calvino (2015).

Do lugar de docente, é preciso lidar com um programa institucionalizado para o ensino de literatura, na evidência das “coisas a saber” (Pêcheux, 1990): períodos literários, vida e obra do autor, a evidência de uma aura literária ... em outra direção, busca-se palmilhar um caminho para além do repetível que forma a disciplina literatura, na tentativa de circular saberes nas brechas de um dizer institucionalizado característico do discurso pedagógico (Orlandi, [1983] 2006). Desta maneira, propõe-se aqui pensar saberes literários e linguísticos sustentados pelo campo teórico e de ação na educação básica, em algumas vias: a) “saberes literários como saberes linguísticos” (Medeiros, 2019, p. 86), e metalinguísticos (Buscácio, 2014) isto é, saber literatura é um modo de saber a matéria de que ela é tecida, a língua, sobre o próprio ato de refletir sobre a língua ao mesmo tempo em que é produzida; sendo necessárias práticas de reflexão sobre as línguas pelo literário; b) as possibilidades de funcionamento do literário e o jogo com a língua, como ensina Gadet (2016), da trapaça e do dizer de um modo que desloca e mesmo fere as regras da língua para transpô-la em literária; c) analisar as condições de produção do literário e como são veiculados dizeres em tensão, como as chagas da ideologia dominante e discursividades de resistência também estão materializadas no literário, porque, claro, o terreno do literário é a língua; d) a assunção de poder estar no lugar de leitor e experienciar o estético na língua, tanto como aprendizes quanto como docentes.

Serão apresentadas práticas discursivas sobre o literário em uma sala de aula com surdos onde línguas distintas se embatem e confluem. Tendo em vista que o literário é um modo de discursivizar a formação social, constituída por **discursos de/sobre gênero-raça-classe** (Zoppi-Fontana, 2017; Cestari,

¹ Doutorado em Estudos da Linguagem pela UFF (2014), pós-doutorado em Linguística pela UERJ (2021). Professora titular do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

² Agradeço com alegria a todas as pessoas que constroem o SEAD e a oportunidade de participar do Simpósio de Verli Petri e Fabieli de Nardi. Agradeço a delicadeza de minha amiga Joyce Palha Colaça pela leitura de meu trabalho, me tornando presente neste momento que tanto esperei, mas que devido a um imperativo da vida não pude eu mesma experienciar.

2017; Modesto, 2020), e acrescento, **discursividades capacitistas**, logo, o literário, por ser língua, base da arena da luta de classes como ensina Pêcheux (2009) é marcado por tais discursividades: ou as reproduz, pela identificação, ou pela contradição, ou as extrapola, pela resistência. Não se pode perder do fato que a poesia, como afirma Pêcheux ([1983] 2008, p. 53), “não é o domingo do pensamento”, não está fora da língua, como os efeitos de uma tradição sobre saberes literários induz a supor.

E justamente por não estar fora, está resguardada a possibilidade de resistência, por uma assunção de aprendizes e docentes de lugares de exercício de autoria e de leitura, inclusive e sobretudo na escola, como afirmam Orlandi ([1983] 2006, 1998); Gallo (1989, 2001); Lagazzi (2006); Rodrigues e outros (2020, 2021) e estamos trabalhando no NELID, com Andrea Rodrigues (FFP-UERJ), Rívia Fonseca (UFRRJ) e nossos orientandos e pesquisadores. Com isso, vislumbra-se também gestos de leitura enquanto um direito literário e linguístico: manusear livros, acessar lugares de memória, bibliotecas, espaços museais, teatros, cinemas, e a própria rua, constituindo uma possibilidade de estar no lugar de leitor e de autor, na tensão entre-línguas em que o sujeito tem o imperativo de lidar com uma disputa social e inconsciente entre uma língua de sinais e uma língua majoritária oral e letrada, o que tenho publicado em alguns artigos (Buscácio, 2020, 2022, 2023). Podemos então partir para a feitura de um arquivo de saberes literários com estudantes: tomando funcionamento de um trajeto temático (Guilhaumou; Maldidier, 1994, p.165) enquanto fio condutor de uma leitura, formamos arquivos pedagógicos, conforme Indursky (2019). Tal procedimento consiste em uma reunião de materiais vários inscritos em dadas condições sócio-históricas-ideológicas de produção discursiva, reunião compartilhada e construída com aprendizes, no caso, surdos lidando com as línguas em tensão.

Sob o recorte do que é dito como pré-modernismo, ou melhor, das condições de produção do literário em terras brasileiras no começo do XX, a partir do trajeto temático gênero-raça-classe na formação social brasileira, navegamos em sites institucionais como os da Biblioteca Nacional e da Academia Brasileira de Letras, tanto guiados por palavras -valise, como “escravo, escrava, negro, negra, mulato, mulata, mulher, senhora, senhor”, como pelo funcionamento do nome de autor (Buscácio, 2014, 2019) inscrito naquelas condições de produção – Lima Barreto e Monteiro Lobato, aliada ao recorte temporal no catálogo digital. Reunimos como arquivo a crônica *Não as matem*, de Lima Barreto, e o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, este também lido em Libras, traduzido por mim e pela intérprete Aline L’Astorina. Lemos também outras materialidades, do XIX ao XXI, como a pintura *A redenção de Cam*, de Modesto Brocos, anúncios de venda de escravizados, cartas de alforria, notícias de crimes contra mulheres – fomos buscando significar em Libras e em Língua portuguesa escrita – Qual o sinal de alforria? Faz a datilologia, a soletração com as mãos, deste sinal (o sinal de Femicídio)? Qual o sinal de Lima Barreto e Monteiro Lobato? Por que não podemos pesquisar pela Libras no catálogo da biblioteca? Que estranho o jogo de luzes da pintura entre as mulheres negras, o homem branco e o bebê aí! Me explica como posso escrever que ler tudo isso me angustia e revolta?

Para orientar os gestos de leitura nessa escrita em Língua portuguesa, outra e própria, produzimos mapas mentais como alternativa visual bastante peculiar aos aprendizes surdos. Buscamos depreender juntos as posições discursivas materializadas no tecido literário – como as personagens são significadas – as noivas violentadas e os noivos algozes de Lima Barreto, a senhora escravista Dona Inácia e a criança órfã e sem nome, negrinha, de Monteiro Lobato; quais posições disputam e conflitam sob a assinatura do nome de autor, e principalmente, do lugar de aprendiz surdo – e de corpo negro, periférico, de mulher, e homem, de trans, de pessoa com deficiência, produzir posições, se responsabilizar pelo que diz, em LIBRAS e em Língua portuguesa.

Assistimos também à peça teatral *Para meu amigo Branco*, em uma sessão com intérpretes de Libras. Olhos marejados, indignação, reconhecimento e desejo de luta vindo de mãos negras que sinalizam uma língua. Corpos sinalizantes, negros, periféricos, ocupam um lugar de espectador que raramente podem ocupar, passam a assumir um assento de leitor de teatro e de poder dizer em sinais e em palavras, entre-línguas, sobre como o racismo fere e como a cena teatral afeta e mobiliza pela catarse a revolta e a ação do sujeito.

Desta maneira, nas análises do arquivo, emergem dos aprendizes perguntas, indagações e angústias sobre os lugares que habitam, a que foram impostos, lugares de resistência, inclusive, por poder ocupar um lugar de leitor e de autor. Sobre a confluência destes lugares no gesto de leitura, afirma Pêcheux: “uma leitura interpretativa – que já é uma escritura” (Pêcheux, [1994] 2010, p. 51). Resistência se dá também do lugar de docente, por quebrar rituais escolares por dentro destes rituais e, mais especificamente, através de um trabalho de resistência na/pelas línguas na escola (Nascimento; De Nardi, 2021), como propor uma experiência com materiais bilíngues similares as do Enem após 2017, quando as provas passaram a ser aplicadas também em Libras, ao invés de marcá-las como avaliação única. Assim, o presente trabalho visa expor ações em aula sob o chão do campo da AD - HIL para incentivar práticas de ensino de literatura no ensino médio sobre outros olhares.

REFERÊNCIAS

- BUSCÁCIO, Lívia. L. B.; VIGNOLI, M. L. Era uma vez ... uma experiência de leituras e escrituras com aprendizes surdos. In: SILVA, Aline Gomes; SILVA, Flávio Eduardo Pinto (org.). **Práticas e experiências bilíngues no cotidiano da educação de surdos**. 1. ed. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 158-183.
- BUSCÁCIO, Lívia. L. B. Gestos de leitura e saberes literários entre-línguas com aprendizes surdos: transitando entre o INES e a Biblioteca Parque. In: COLAÇA, Joyce Palha; FARIA, Michel Marques de; COSTA, Thaís de Araujo da (org.). **Educação linguística e(m) (dis)curso**: arquivos de saberes linguísticos e pedagógicos. 1. ed. São Carlos: Pedro&João, 2023. v. 1, p. 137-154.
- BUSCÁCIO, Lívia. L. B. Análise de discurso e ensino de literatura brasileira com sujeitos surdos entre-línguas: dizeres sobre o racismo e sujeito no Brasil do século XIX e sua insistência no XXI. **Revista eletrônica Araticum**, v. 21, p. 50-69, 2020.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CALVINO, Ítalo. Mundo escrito e mundo não escrito. **Mundo escrito e mundo não escrito** – Artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.105-115.



- CELADA, M. T. Língua materna/língua estrangeira: um equívoco que provoca a interpretação. *In: Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- CELADA, María Teresa. O que quer, o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 145–168, jul./dez. 2008.
- CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Notas para uma agenda. *In: CELADA, M.T.; PAYER, M. O. Subjetivação e processos de identificação*. Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas: Pontes, 2016. p. 17-42.
- CESTARI, Mariana Jafet. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na análise de discurso. *In: ZOPPI FONTANA, Mónica; FERRARI, Ana Josefina (org). Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência – vol. 2*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 183-204.
- CORACINI, Maria José R. F. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. ECKERF-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues (org.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- CORACINI, Maria José R. F. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade**: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- GALLO, Solange. **O ensino da língua escrita x o ensino do discurso escrito**. Campinas: Instituto de Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- GALLO, S. A autoria: questão enunciativa ou discursiva? *Linguagem em (Dis)Curso*, Tubarão, v. 1, n. 2, 2001.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. [1994] Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. *In: ORLANDI, E. (org.). Gestos de Leitura*. Campinas: UNICAMP, 2010.
- INDURSKY, F. Leitura, escrita e ensino à luz da análise do discurso. *In: NASCIMENTO, L. (org.). Presenças de Michel Pêcheux: da análise do discurso ao ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2019b. p. 97-120.
- LAGAZZI, S. M. Texto e Autoria. *In: ORLANDI, E.P.; LAGAZZI-RODRIGUES, R. R. (org.). Discurso e textualidade*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2006. v. 1, p. 81-104
- MARIANI, Bethania. **Testemunhos de resistência e revolta**. Um estudo em Análise do discurso. Campinas: Pontes, 2021.
- MEDEIROS, V. Saberes sobre língua e sujeito: o glossário pelo literato. *In: SCHERER, A.; SOUSA, L.; MEDEIROS, V.; PETRI, V. (org.). Efeitos da língua em discurso*. São Carlos: Pedro & João, 2019. p. 83-99.
- NASCIMENTO, M. I.; DE NARDI, F. S. Escrit(ur)a e autoria na língua do outro: língua, discurso e resistência(s). *Linguagem & Ensino (UCPel)*, v. 24, p. 442-467, 2021.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Cultrix & Ed. da UNICAMP, 1998.
- ORLANDI, Eni. [1996] **Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- ORLANDI, Eni. [1983] **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica afirmação do óbvio. Campinas: Ed Unicamp, 2009
- PÊCHEUX, Michel. [1988] **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 2008.
- PFEIFFER, C. R. C.; SILVA, M. V.; PETRI, Verli. Língua escolar: afinal, que língua é essa? *Revista Ecos*, v. 1, p. 117-152, 2019.



MOTA, Raquel Danielli; RODRIGUES, Andréa. Discursos sobre o feminino e o masculino na escola: uma proposta com práticas de leitura à luz da Análise do discurso (Discourses about female and male at school: a proposal with reading practices according to the Discourse Analysis). **Pensares em Revista**, v. 21, p. 143-170, 2021.

RODRIGUES, Andréa; MORAES, Marcos André de Oliveira; DOMINGUES, Mariana Vieira. O impacto da análise do discurso em práticas de ensino: experiências com leitura e escrita na escola. **Pensares Em Revista**, v. 17, p. 220-240, 2020.

ZOPPI FONTANA, M.G. 'Lugar de fala': enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, v. 12, p. 63-71, 2017.